

Geosmina: mais um drama no verão

Fernanda Dias, moradora de Campo Grande, Zona Oeste, precisou comprar galões para beber e cozinhar

Apesar de ter sido constatada apenas nesta quinta-feira (29) a presença de geosmina na água da Estação Guandu, sistema responsável pelo abastecimento da Região Metropolitana do estado, uma grande parte da população fluminense já suspeitava da contaminação, em função do gosto, cheiro e aparência anormais do líquido que chegava às residências pela torneira ou encaçamento. Das milhares de pessoas que ainda sofrem com esse problema, uma delas é a fotógrafa Fernanda Dias, de 33 anos, moradora de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio.

Convivendo com esse transtorno há mais de uma semana, ela conta que, além de ter passado pela experiência de ter água contaminada em sua casa, ainda precisou suportar a ausência de fornecimento por um determinado período também, já que acabou ficando sem abastecimento. Fernanda diz que já imaginava a presença de geosmina no líquido, mas que, com a confirmação após análises laboratoriais, ficou indignada com a situação.

“Então, foi muito constrangedor essa situação toda, porque a água fechou, ficamos sem fornecimento por um tempo e não tivemos nenhum aviso prévio de que isso aconteceria. Além disso, um dia antes de a distribuição ser afetada e paralisar no bairro de Campo Grande, a



A fotógrafa Fernanda Dias mostra a coloração e a aparência da água que chega em sua casa: ela já imaginava a presença de geosmina



Precisei ter um gasto a mais com água para compensar um serviço da Cedae mal feito e de péssima qualidade

FERNANDA DIAS, fotógrafa

água já vinha apresentando uma coloração turva e gosto de terra, como se estivesse impura mesmo, ou seja, imprópria ao consumo”, falou.

“Pelo fato de estar tendo obra lá em casa, tudo isso ficou ainda mais crítico. Com a ausência de fornecimento de água, o pedreiro não conseguiu trabalhar, já que não tinha as condições básicas necessárias para fazer o serviço, e ainda tinha a questão do calor também, que afetou nosso cotidiano. Depois

de algumas horas, a água finalmente voltou, mas ainda com uma potabilidade bem duvidosa. A única solução, no momento, foi sair para comprar galões de cinco litros, ou seja, um gasto a mais para compensar um serviço da Cedae mal feito e de péssima qualidade”, completou a fotógrafa.

Fernanda ainda relata como foi difícil para ela ter de sustentar a obra dentro de casa sem a distribuição adequada de água e de que

modo conseguiu fazer para cozinhar, uma vez que o líquido que saía da torneira e do filtro estava visivelmente afetado por impurezas e geosmina. Ela também ressaltou que a Cedae, companhia responsável por abastecer o Rio, tem total culpa nessa situação e não parece, segundo a moradora de Campo Grande, se mexer para resolver o imbróglio.

Reportagem do estagiário Bruno Gentile, sob supervisão de Thiago Antunes

‘Água dentro dos padrões de consumo’

► Em nota, a Cedae afirmou que todo o líquido distribuído no Rio de Janeiro “encontra-se dentro dos padrões de potabilidade e consumo. E que os resultados da análise das amostras por laboratório externo apresentaram traços de geosmina/Mib em níveis muito baixos, o que explica as alterações de gosto e odor, mas ainda assim atende aos parâmetros do Ministério da Saúde”. A empresa confirmou na quinta que foi constatada a presença de geosmina na Estação Guandu. Segundo o presidente da companhia, Edes Fernandes de Oliveira, o laudo mostrou que houve uma alta repentina do composto químico a partir do dia 9 de janeiro.

A reportagem do O DIA procurou a Agência Reguladora de Energia e Saneamento Básico do Estado do Rio de Janeiro (Agenera) para saber se haverá punições à Cedae por distribuir água com impurezas, mas ainda não obteve resposta.

Pouco lucro e muito calor no alto verão carioca

Ambulantes dizem que banhistas estão preferindo levar comidas e bebidas de casa para a orla, e reclamam das vendas baixas

Apesar da chegada do verão e do forte calor que faz nos últimos dias na cidade do Rio de Janeiro, a vida dos ambulantes e vendedores de produtos e comidas nas praias cariocas não têm sido fácil, muito por conta da pandemia da covid-19. O lucro com as vendas não tem atingido o patamar esperado nessa época do ano e a situação fica cada vez mais complicada.

O camelô Marcos Nascimento afirma estar sendo um período conturbado e diz que quase não consegue vender. “A gente está sentindo muito essa queda nas ven-

das. Vemos muitas pessoas nas praias, mas ninguém quer gastar dinheiro, não fazem a nossa economia girar e isso tudo acaba nos atrapalhando demais. Eu mesmo estou trabalhando desde às 8h da manhã de hoje e só vendi três copos de açaí até agora, sendo que já são 14h”, disse ele.

“Eu até tentei abaixar o valor das minhas mercadorias, mas não adiantou quase nada e o lucro continua cada vez mais em decadência. E dependendo disso aqui para sobreviver. Preciso de dinheiro para pagar as contas. A verdade é que o governo não



Cristiano da Barraca LH15, na orla do Leme, na Zona Sul do Rio

trazem tudo de casa para economizar”, conta. O município do Rio registrou ontem a tarde mais quente do ano. De acordo com o Sistema Alerta Rio, a máxima registrada foi de 41,6°C, às 16h, na estação Irará, na Zona Norte da cidade. No mesmo horário e na mesma estação, a sensação térmica era de 44,4°C. Ainda de acordo com o Alerta Rio, o posicionamento de um sistema de alta pressão no oceano deixará o tempo ainda mais quente nos próximos dias.

Quem também não vê perspectiva de melhora no atual cenário é o ambulante Cristiano da Barraca LH15, na praia do Leme, na Zona Sul do Rio. Segundo ele, comparado aos anos anteriores, o faturamento das vendas de comida e bebida nas orlas da região caiu vertiginosamente. “Parece que a renda do pessoal caiu também e aqueles que vêm para a praia, não querem gastar,

Reportagem do estagiário Bruno Gentile, sob supervisão de Thiago Antunes

‘Pensei que fosse morrer’, diz vítima de sequestro

Um motorista de carga e dois ajudantes foram mantidos reféns por grupo de criminosos do Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo

THUANY DOSSARES
thuany.dossares@odia.com.br

Por cerca de duas horas, um motorista de carga e dois ajudantes foram mantidos reféns por criminosos do Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, após serem sequestrados durante um assalto. O crime aconteceu na manhã desta sexta-feira, na Rodovia Niterói-Manilha (BR 101), na pista sentido Região dos Lagos. Toda a carga de carnes foi roubada.

“Foram duas horas de pânico. Eu achei que fosse morrer a todo momento. Eles disseram que iam nos matar, pedimos pelo amor de Deus para não fazerem isso, que somos trabalhadores, temos

família. Também chegaram a ameaçar nos agredir com coronhadas, mas graças a Deus não aconteceu”, falou o ajudante, que preferiu não se identificar.

As vítimas contaram que foram interceptadas por bandidos fortemente armados, que chegaram divididos em três veículos Corolla. Eles usavam roupas camufladas e portavam fuzis. Depois de serem abordados, o motorista e um ajudante foram obrigados a seguir os criminosos até a localidade do Pistão, no interior do Complexo do Salgueiro.

“Eles fecharam nosso caminhão e já desceram com fuzil para fora. Os nossos colegas do outro caminhão



Funcionários sequestrados por criminosos do Complexo do Salgueiro

ainda tiveram tempo para pular e fugir, nós não tivemos como, porque fomos fechados por eles. Enquanto um deles foi dirigindo o outro caminhão, tivemos que

seguí-los para dentro da favela”, narrou a vítima.

No caminho, o veículo chegou a desligar, por conta do rastreador que identificou o desvio da rota. No

entanto, segundo os funcionários, um comparsa do bando ajudou a desbloquear o caminhão. Já no interior do Salgueiro, os funcionários ainda foram obrigados a descarregar todas as carnes que estavam no caminhão.

“Lá dentro tinha muito bandido, mais de 50, e todos com fuzis, a gente não via uma pistola. Descarregamos tudo, sob ameaças de morte”, falou.

“Senti muito medo”, relata motorista sequestrado em assalto na BR-101. Para fugir, as vítimas contaram com a ajuda de um morador, que as deu carona até a rodovia.

“Eles mandaram a gente sair, mas nos indicaram a saída para um lugar erra-

do. O caminhão bloqueou de novo, largamos e fomos andando, até que encontramos um senhor que nos deu carona. Assim que pegamos, estava entrando o caveirão da PM. Só conseguimos pensar na benção que foi não estarmos lá dentro, no meio da troca de tiros”, finalizou.

O motorista e o ajudante caminharam até o posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF), localizado na rodovia, na altura da comunidade. Em seguida, eles foram levados para a 72ª DP (Mutuá), onde o caso foi registrado, para prestar depoimento.

Até o início desta tarde, os dois caminhões ainda estavam dentro do Complexo do Salgueiro.